

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Sêneca e o Cristianismo

José Joaquim Pereira Melo<sup>1</sup>

Poucos foram os pensadores do Mundo Antigo que receberam uma valorização tão positiva dos primeiros autores cristãos quanto Lúcio Aneu Sêneca (4-65).

Ao contrário de seus críticos, que na maioria dos casos se opunham ao seu pensamento e à sua prática política, os cristãos adotaram uma postura diferenciada e se voltaram para as suas idéias, suas sentenças e sua doutrina, orientação que gerou em alguns deles a idéia comum e aceita de um Sêneca pagão como precursor do cristianismo, e em outros, a de um Sêneca às vésperas da convenção ao cristianismo.

Esta construção pode ser entendida por três fatos significativos: o irmão mais velho de Sêneca conheceu Paulo de Tarso; a visão senequiana sobre a divindade permitia pensar que acreditava num deus único, criador e senhor do mundo e dos destinos humanos; e a moral defendida por Sêneca era muito parecida com a moral postulada pelos cristãos (MANJARRÉS, 2001).

O cotejamento feito por intelectuais da Igreja primitiva entre Sêneca e o cristianismo pode ser dividido em duas fases: na primeira aparecem como principais representantes Tertuliano (?-220) e Lactâncio (240-320) 325; e na segunda, São Jerônimo (?-420) e Santo Agostinho (?-430).

A importância dessa relação pode ser dimensionada pelo suposto espitolário entre Sêneca e Paulo de Tarso. Essa correspondência apócrifa, comentada pela primeira vez por São Jerônimo em 392, apresenta uma linha argumentativa na qual parecem repercutir as idéias senequianas sobre os primeiros pensadores cristãos. No entanto, faltam evidências históricas de que o filósofo pagão e o apóstolo cristão se conheceram, até mesmo de que Sêneca conheceu a doutrina cristã, uma vez que esta, no seu alvorecer, foi ignorada e desprezada pelos setores dominantes da sociedade romana da qual ele fazia parte.

Mas esse quadro não afetou a simpatia que esses pensadores cristãos nutriam por Sêneca, a ponto de encontrarem nele inspiração para redefinir suas idéias e reordenar sua doutrina. Em muitos dos casos, eles reproduziram seus escritos e idéias sem ao menos citar

---

<sup>1</sup> DFE/PPE/UEM

seu nome (USCATESCU, 1956b).

Clemente de Alexandria (145-216) foi admirador de Sêneca. Em *O Pedagogo*, onde ele aponta regras de vida a respeito do comportamento pessoal, da relação entre marido e mulher, da educação dos filhos, evidencia-se a influência de Sêneca e de outros seguidores da Estoá (ULLMANN, 1996).

Tertuliano, mesmo acreditando que muito pouco tinha que se aprender com os pensadores clássicos, fez uma exceção a Sêneca, evocando-o em algumas de suas reflexões. Por exemplo, em sua discussão sobre a alma, lembrou colocações senequianas contidas em *Dos benefícios*.

*Aquí, pues, obtemos también aquí como conclusión que todas las qualidades del alma son inherentes a su sustancia como con naturales, y con ella crecen y se se desarrollan desde el instante en que ella se origina. Como también dice Séneca, a menudo “nuestros subyecen en nosotros las semillas de todas las artes y idades, y el maestro Dios desde lo oculto produce los ingenios, de las semillas subyacentes también ocultas durante a infancia, que son igualmente la inteligencia (Acerca del alma, XX, 1).*

Como entender que Tertuliano recorra a Sêneca, se ele rejeitava o pensamento clássico? Como entender essa exceção, quando as suas referências ao mundo intelectual a que Sêneca pertencia eram demasiadamente duras e chegavam aos limites da agressão? Como entender essa predileção exatamente pelo homem que esteve ao lado de Nero, quando este inaugurou a perseguição aos cristãos primitivos?

Para José Luís García Garrido, uma questão parece clara: possivelmente existisse, naquela época, uma tradição comum e aceita de que o pensamento e a prática senequiana não eram conflituosos com o cristianismo, mas se aproximavam da doutrina ensinada por Cristo. Acrescente-se a possibilidade de já estar circulando, nessa época, a suposta correspondência apócrifa entre Sêneca e Paulo de Tarso.

Mas, para o mesmo García Garrido (1972), para além de especulações dessa natureza, boa parte da simpatia demonstrada por Tertuliano ao pensamento senequiano, muito provavelmente, decorreria de questões de ordem pessoal. Uma das reflexões preferidas de Sêneca, e que mais chamou a atenção de Tertuliano foi a distinção que ele fazia entre corpo e alma. Tertuliano, ao abrir um fosso entre o espírito e a materialidade humana, ao levar às últimas conseqüências a rigidez de seu ideal ascético, ao mesmo tempo em que desconhecia e negava a importância do corpo para o homem e para o cristianismo, acabou fora da Igreja e adotou o montanismo. A partir disso, pode-se entender a simpatia com que Tertuliano brindou Sêneca, que dedicou sua vida demonstrando a supremacia absoluta do espírito sobre a matéria.

Isto posto, vale destacar que, embora coincidentes nesse aspecto, Tertuliano e Sêneca tinham por fim harmonizar dois aspectos diametralmente distantes. Isto se explica pelo conhecimento que Tertuliano tinha da doutrina estoíca, o que, por sua vez, não elimina a possibilidade de as principais fontes estoícas conhecidas por Tertuliano serem senequianas. Os pontos estoícos que Tertuliano adotou como seus, por seu turno, não o são totalmente, denunciam uma aproximação com o pensamento senequiano.

Um século mais tarde, Sêneca continuou sendo uma exceção do pensamento clássico entre os pensadores cristãos. A postura de Lactâncio não deixa lugar a dúvidas. No livro *Instituições divinas*, ele faz menções elogiosas a Sêneca, mas não deixou, como era costume, de fazer considerações sobre a inconsistência do pensamento clássico. Assim, essa obra de Lactâncio contempla Sêneca com inúmeros adjetivos, advérbios e locuções, que põem em evidência sua simpatia por nosso pensador. Embora Lactâncio dirija algumas críticas a Sêneca, isso não compromete sua admiração pelo filósofo. Dentre as reflexões senequianas destacadas por Lactâncio estão suas apreciações sobre a virtude, sobre o comportamento do sábio e sobre Deus. Juntem-se a isso suas denúncias sobre vícios, paixões e comportamentos considerados ímpios. Atenção também foi dada ao aspecto formativo proposto por Sêneca. Evidencia-se, desse modo, que Lactâncio conhecia com certa profundidade a obra senequiana, especialmente algumas de suas reflexões que não chegaram até os nossos dias, mas que gozaram de prestígio entre os autores da época.

Nesse diálogo estabelecido pelo cristianismo com Sêneca, o nome de São Jerônimo assumiu papel significativo. A sua autoridade intelectual chancelou muitos tratadistas cristãos a investigar a respeito de Sêneca.

Muitas das citações feitas por São Jerônimo têm relação com as questões ascéticas, em razão da importância que ele atribuiu a esse aspecto, o que reflete o apreço que tinha por Sêneca. No livro *Adversus jovinianum*, que se constitui na chave da ascética jeroniana, Sêneca é mencionado muitas vezes, especialmente por ser autor de *Do matrimônio*, outra reflexão senequiana perdida no tempo. Ao tratar desse livro, São Jerônimo também chegou a se referir a Sêneca como “nosso amigo”, mesmo no momento em que era um obstinado combatador do pensamento que considerava. Essa dupla postura deixa clara a vinculação ainda pulsante do santo com o mundo clássico (GARCÍA GARRIDO, 1972).

Aponta também para essa direção um sonho que muito o atormentou. Durante uma noite febril, São Jerônimo teve uma alucinação de que fora arrebatado em espírito e levado ao tribunal celeste. Interrogado sobre sua religião declarou ser cristão. O Juiz o interpelou, dizendo não ser verdadeira a sua resposta, pois São Jerônimo seria ciceroniano.

Assim, o erudito e atormentado São Jerônimo viveu dividido entre as letras clássicas e as letras sagradas e, no que diz respeito à primeira, não dispensava Sêneca. Mesmo após uma noite de vigília e orações, voltava-se para o pensamento clássico (HAMMAN, 1980), entre cujos privilegiados possivelmente estaria Sêneca.

Essa situação vivenciada por São Jerônimo aponta uma evidência insofismável: seus gostos pessoais não se alinhavam totalmente com as posições dos apologistas. Ao que tudo indica, o remorso não foi o suficiente para levá-lo a um esquecimento proposital do pensamento senequiano, que para ele se diferenciava dos demais pensamentos clássicos.

Nessa escalada, devemos também uma parada em Santo Ambrósio (?-397). Em seu livro *De officiis*, muitas considerações afluíram a influência estoica, especialmente do pensamento senequiano. Embora nesta e em outras das suas reflexões, se evidencie o destaque a Cícero (106-146 a. C), Sêneca, nem por isso, é desmerecido. A explicação para a aproximação de Santo Ambrósio com Sêneca passa pelo fato dele ter sido um dedicado leitor de Lactâncio, que foi um assíduo leitor de Sêneca.

Santo Agostinho, um dos maiores pensadores do cristianismo, foi o primeiro cristão a criticar Sêneca com certa severidade. Por isso, é difícil identificar a influência verdadeira, direta e efetiva de Sêneca no seu pensamento. Além disso, o nome do filósofo é pouco citado nos escritos do santo. Um dado, porém, é efetivo. Santo Agostinho conhecia algumas das reflexões senequianas, mesmo uma desaparecida, a exemplo *Das superstições*. Neste caso, ele sabia que eram escritos de um autor e filósofo clássico, de um homem preocupado com as questões literárias, que tinha uma formação completa. Em posse desses dados, não poderia ter pensado que a doutrina defendida por ele tinha um caráter cristão.

Das reflexões que Santo Agostinho deixou sobre Sêneca, a maior está contida no capítulo X, do Livro VI, em *A Cidade de Deus*, intitulado “Liberdade de Sêneca, que repreende mais acrimosamente a teologia civil que Varrão a fabulosa”, onde oferece uma posição bastante favorável ao pensamento desenvolvido por Sêneca.

Segundo Santo Agostinho, nesse livro, hoje perdido, Sêneca se posicionou não apenas contra alguns ritos e superstições, mas contra todas as práticas pagãs:

*É certo não haver faltado de todo, mas apenas em parte, a Ênio Sêneca, que floresceu em tempo de nossos apóstolos, segundo conta em alguns documentos, a liberdade que faltou a Varrão para abertamente censurar a teologia civil, a mais parecida com a do teatro. Teve a liberdade na pena; não teve na vida. Com efeito, no livro que compôs Contra as Superstições crítica com muito maior profusão e com muito maior veemência a teologia civil e urbana que Varrão a fabulosa e teatral (A Cidade de Deus, VI, 10, 1).*

Com base nessas informações, Santo Agostinho entendeu ter levantado a posição

de Sêneca sobre o cristianismo, além de acreditar que ele tivesse vivido no tempo dos apóstolos. Apesar das qualidades que viu nele, o que não inviabilizou a sua crítica, o filósofo não havia vivido conforme propunha em suas reflexões (OROZ RETA, 1966).

Na continuidade do seu raciocínio, fez uma avaliação a esse respeito.

*Faltou a Varrão semelhante liberdade. Atreveu-se apenas a criticar a teologia poética. Não se atreveu com a civil, que Sêneca lançou por terra. Se, todavia, atendemos à verdade, são piores os templos, onde se fazem tais coisas, que os teatros, onde as fingem. Assim, a conduta que Sêneca prescreve ao sábio nos mistérios a teologia civil não é adesão de consciência, mas a profissão puramente exterior. O sábio, diz, observará todas essas práticas para obedecer à lei, sem acreditá-las agradáveis aos deuses (A cidade de Deus, X, 3).*

No capítulo XI, do livro VI, que tem por título “Pensamento de Sêneca acerca dos judeus”, da mesma obra *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho, também conhecedor do tratado perdido, comenta o desafeto senequiano pelos judeus e o modo pelo qual a eles se referia: “péssima raça” (VI, 11), e da crítica aos seus rituais, passíveis de manipulações da sua divindade.

*Alguns conhecem as causas de seus ritos. Mas a maioria do povo pratica-os, ignorando-lhes o porquê. Mas sobre os sacramentos dos judeus, por que e como foram instituídos por autoridade divina e como, depois, quando a mesma autoridade divina julgou oportuno, os retirou do povo escolhido, a quem se revelou o mistério da vida eterna (Idem).*

Dessas informações que Santo Agostinho obteve de Sêneca, devidamente registradas na *A Cidade de Deus*, infere-se que o filósofo não tenha se preocupado com os cristãos em *Das Superstições*. Ao encontro dessa idéia fala o santo: “não se atreveu a mencionar os cristãos, já inimigos declarados dos judeus, nem para falar bem, nem para falar mal, porque não os louvaria, contra a velha usança romana, nem os censuraria, talvez contra a própria vontade” (Idem).

Apesar das alusões ao pensamento de Sêneca, não é fácil identificar a sua influência na obra de Santo Agostinho, muito menos falar de uma presença direta. Por outro lado, pode não ser absurdo falar de uma possível influência doutrinária, mas o mesmo não acontece quando se considerar meras coincidências (OROZ RETA, 1966).

De tudo isso, uma coisa é certa, Santo Agostinho conheceu a obra de Sêneca e, mesmo que este não tenha alcançado a mesma influência de Cícero (106-43 a.C.) na obra do santo, seu pensamento rondou a sua vida.

Com São Jerônimo, pode-se pensar que teve início a vinculação definitiva da ascética cristã com a educação. Desde então, a influência de Sêneca se restringiria àqueles aspectos mais relacionados à formação do homem, em detrimento das suas reflexões teórico-metafísicas (GARCÍA GARRIDO, 1972).

Mesmo que as questões acima levantadas possam esbarrar em algumas oposições, algo se apresenta bastante claro, o Sêneca procurado, lido e discutido entre os cristãos da época não era o Sêneca literato, ensaísta ou tragediógrafo, mas o Sêneca preocupado com a moral e com a formação, cujo principal objetivo era regenerar o homem por meio do processo formativo, que, por extensão, refletiria na sociedade.

## Referência

AGOSTINHO, Santo. A cidade de Deus. Petrópolis: Vozes, 1999, vol.I.

GARCÍA GARRIDO, José Joaquim. Sêneca en el pensamiento pedagógico da la Antigüedad cristiana y del medievo. Revista española de pedagogía. Madrid: vol. XX, n.118, p.193-205, abr-jun. 1972.

HAMMAN, A. Os padres da Igreja. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

MANJARRÉS, Júlio Mangas. Sêneca o el poder de la cultural. Madrid. Debate, 2001.

OROZ RETA, José. Séneca en San Agustín. IN: Estudios sobre Séneca. Octava semana española de Filosofía. Madrid: Consejo Superior de Invesgaciones Científicas, Instituto Luis Vives y Socied Española de Filosofía, 1966, p.331-351.

TERTULIANO. Acerca del alma. Madrid: Ediciones Akal, 2001.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. O estoicismo romano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

USCATESCU, Jorge. Sêneca, nuestro contemporâneo. Madrid: Editorial Nacional, 1965.